

APRENDIZAGEM ARQUEOLÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS LÚDICAS

Jilcinéia de Sousa Duarte
Mestre em Ciências da Educação (Universidade São Marcos – SP)
Lucyvânia D'arc Duarte Ribeiro
Mestre em Ciências da Educação (Universidade São Marcos – SP)
Eliodete Coelho Bezerra
Mestre em Educação Escolar (Universidade Estadual Paulista – SP)
Museu de Arqueologia e Etnologia do Amapá (MAE-AP)
jilcineiadu@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo busca socializar os resultados referentes a execução do Projeto “Escavando Conhecimento: arqueologia em foco”, realizado pelo Museu de Arqueologia e Etnologia do Amapá – MAE-AP na Escola de Educação Infantil Ana Luiza Souza de Moraes, localizada no Município de Macapá - AP. Teve como proposta de trabalho a Educação Patrimonial através de atividades práticas e lúdicas. O objetivo foi informar as professoras e alunos da pré-escola acerca da Arqueologia no Estado do Amapá, aproximando-os dos espaços de memória. A metodologia consistiu em pesquisa-ação e bibliográfica (livros, teses, dissertações) com abordagem qualitativa. O diário de campo foi o instrumento de coleta de dados e teve como sujeitos da pesquisa 20 professores e 425 alunos. A partir da análise, certificou-se que as professoras e os alunos reconhecem a importância da preservação dos Sítios Arqueológicos, identificando-se como parte desse contexto “espírito de pertencimento”. Como resultado percebeu-se que a Educação Patrimonial é uma prática educativa que não é ainda adotada na Educação Infantil, mas pode e deve ser praticada, sendo ela inovadora abrindo à possibilidade de exercitar as memórias, questionando, propondo hipóteses, investigando, enfim, estabelecendo os primeiros laços com a Arqueologia.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia. Educação Patrimonial. Pré-Escola. Lúdico.

ABSTRACT

This article seeks to socialize the results of the "Excavating Knowledge: archeology in focus" project, carried out by the Museum of Archeology and Ethnology of Amapá - MAE-AP at the Ana Luiza Souza de Moraes School of Early Childhood Education, located in the Municipality of Macapá - AP. It had as proposal of work Patrimonial Education through practical and playful activities. The aim was to inform Kindergarten teachers and students about Archeology in the State of Amapá, bringing them closer to the memory spaces. The methodology consisted of action research and bibliographical (books, theses, dissertations) with a qualitative approach. The diary field was the instrument of data collection and had as subjects of the research 20 teachers and 425 students. From the analysis, it was verified that the teachers and the students recognize the importance of the preservation of the Archaeological Sites, identifying as part of this context "spirit of belonging". As a result it was noticed that the Patrimonial Education is an educational practice that is not yet adopted in Early Childhood Education. But it can and should be practiced, being inventive and open to the possibility of exercising the memories, questioning, proposing hypotheses, investigating, finally, establishing the first links with Archeology.

KEYWORDS: Archeology; Patrimonial Education; Kindergarten; Playful.

INTRODUÇÃO

A problemática da preservação patrimonial extrapola a questão da memória sócio-histórica dos diferentes grupos formadores de uma dada sociedade. Desse modo, tal questão

nos permite uma reflexão aprofundada sobre as diversas categorias de patrimônio, bem como, as responsabilidades individuais e coletivas que todos devem ter sobre os bens patrimoniais.

O Projeto “**Escavando Conhecimento: arqueologia em foco**” está voltado principalmente para o público do 1º segmento da Educação Básica, ou seja, para a Educação Infantil, principalmente para as crianças da Pré-Escola na faixa de idade de 04 (quatro) e 05 (cinco) anos. O projeto também se estende aos professores que atuam nesse nível de ensino.

Quando a equipe técnico-pedagógica, formada por professores, pedagogos e arqueólogos do Museu de Arqueologia e Etnologia do Amapá (MAE – AP), fez a opção por oferecer ao público infantil uma vivência no espaço Museal (Museu na Escola), preocupou-se em deixar marcas positivas e através de uma proposta educativa de Educação Patrimonial provocar o que Gonçalves (2005) denomina por ressonância.

Segundo Gonçalves (2005), a ressonância implica na possibilidade de um objeto do patrimônio extrapolar suas fronteiras formais, no caso seria a Educação Patrimonial introduzida na Pré-escola e facilitada para este público devido à predisposição das crianças em criarem e recriarem funções, usos e sentidos para as coisas do mundo. Pois, só por meio da suscitação de pertencimento é que atingiremos a valorização, respeito e preservação dos nossos bens culturais, principalmente dos Sítios Arqueológicos (FUNARI; CARVALHO, 2011; CERQUEIRA, 2008).

O intuito dessa proposta foi apresentar da forma mais lúdica possível o espaço Museal, proporcionando uma vivência despreocupada com o ensino dos conteúdos formais. Desse modo, possibilitou perceber este espaço como um lugar agradável, onde é possível aprender brincando. Nesse contexto, inspirou-se no princípio piagetiano, que considera a atividade lúdica como o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável à prática educativa.

O Projeto em tela é um estímulo para os objetivos propostos pelo MAE-AP, uma vez que coopera sensivelmente para a motivação dos participantes, estimula os questionamentos e introduz ludicamente os princípios básicos da atividade arqueológica. O objetivo foi de informar as professoras e alunos da pré-escola acerca da Arqueologia no Estado do Amapá, aproximando-os dos espaços de memória.

A metodologia consistiu em pesquisa-ação e bibliográfica (livros, teses, dissertações) com abordagem qualitativa. O diário de bordo foi o instrumento de coleta de dados e teve como sujeitos da pesquisa 20 (vinte) professores e 425 (quatrocentos e vinte cinco) alunos. Para tal, recorreu-se como propostas didáticas: Palestras e Oficinas

pedagógicas, além do teatro de fantoches e a escavação simulada, ambas as atividades pedagógicas se completam.

Essa proposta não foge aos princípios dos demais projetos educativos do MAE-AP, que defendem uma ação de comunicação e assume uma perspectiva na qual os Museus não são, exclusivamente, centros destinados à captação visual de informações e de deleite, mas podem ser também espaços para o exercício de outros sentidos, saberes e reflexões, propondo à sociedade um Museu dialético composto de diversos olhares e formas de dar significados às coisas.

Nesse sentido, a configuração das relações entre Escola e Museu muda substancialmente, a partir do momento que o professor compreende que o Museu é um espaço de educação não formal, que tem metodologia e objetivos próprios, abre-se um diálogo com as possibilidades de uso desse espaço não vislumbradas até então. A ideia de Museu como lugar estático dá lugar a uma perspectiva que permite tanto a equipe técnica e professores quanto aos alunos, à possibilidade de exercitarem suas memórias.

Para melhor estruturar este trabalho ele foi dividido em três temas: o primeiro traz uma abordagem sobre a criança e os sítios arqueológicos, que conceitua Arqueologia, Sítios Arqueológicos, dando ênfase à arqueologia do Estado do Amapá por ser um Estado que possui uma grande área com Patrimônios arqueológicos e deve ser preservado. Vale ressaltar, a Educação Patrimonial pode ser introduzida desde cedo com as crianças da Pré-escola.

O segundo tema versa sobre o lúdico como facilitador da aprendizagem afirmando que a brincadeira é a “porta” para a aprendizagem, ou seja, a criança brincando aprende. Porém, deve-se planejar metodologias compatíveis e exclusivas para elas, caso contrário os resultados estarão comprometidos. Destaca-se ainda, o lúdico faz parte da formação do desenvolvimento cultural bem como desempenha grande influência no comportamento humano.

O terceiro tema descreve a metodologia utilizada para a construção do presente artigo, além disso, apresenta a devida análise e reflexão acerca dos resultados obtidos na pesquisa realizada na Escola Municipal de Educação Infantil Ana Luiza Souza de Moraes, mais especificamente nas turmas de 1º e 2º períodos e suas respectivas professoras.

1. SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E A CRIANÇA

Abordar a Arqueologia, mais especificamente os Sítios Arqueológicos com crianças pequenas parece impossível, é como se a Arqueologia estivesse muito distante delas,

e nem sempre isso se constitui como verdade. Algumas Universidades brasileiras, como por exemplos, a Universidade Federal de Minas Gerais e a Universidade Federal de Santa Maria, possuem Laboratórios de Arqueologia e Etnologia, onde já praticam atividades para o público infantil. São atividades pedagógicas bem aceitas pelas crianças.

Nesse contexto, percebeu-se o quanto é importante trabalhar com as crianças temáticas sobre a arqueologia desde cedo. Tudo é novo para elas, e mesmas são curiosas por natureza. Portanto, planejando bem as ações, ou melhor, elaborando Projetos com esta finalidade, vai possibilitar o desenvolvimento de adultos conscientes de seu papel frente as questões patrimoniais.

Segundo Nunes Filho (2004), a Arqueologia é uma ciência social que se destina em compreender as sociedades antigas, suas organizações humanas por meio do estudo direto de evidências históricas. É comum que os estudos sejam empreendidos por pesquisas sobre o solo e materiais arqueológicos que foram enterrados ou danificados ao longo do tempo.

Nunes Filho (2004), afirma também que os sítios arqueológicos são diferentes, isso é decorrente do uso que o ser humano fez do local ao longo dos anos. Cada local pode corresponder a uma finalidade, por exemplo, as aldeias onde vários tipos de atividades foram praticadas. Na aldeia vive-se o que significa lugares para dormir, para cozinhar, para descansar, brincar, fabricar armas, utensílios, trabalhar a pedra, o barro para fazer cerâmica, a madeira. Todas essas atividades produzem vestígios que caem ao solo e vão sendo aos poucos, cobertos por sedimentos.

Consideram-se como recentes as pesquisas arqueológicas na Amazônia e o Estado do Amapá se destaca por possui uma vasta herança cultural. O Serviço de Apoio as Micro e Pequenas Empresas no Amapá – SEBRAE/AP desenvolve estudos neste sentido e em uma de suas obras foi possível constatar que “[...] desde os meados do século XIX o Estado do Amapá vem sendo pesquisado por naturalista como Henri Coudreau, Ferreira Pena, Lima Guedes e Emílio Goeldi [...]”(AMAPÁ, 2006, p.17).

Desta feita, pode-se afirmar que a localização de um sítio arqueológico é um processo que envolve técnica e metodologia científica, onde os arqueológicos utilizam a prospecção para aferição, ou seja, levantamento arqueológico com alguns cortes-teste, com profundidades variáveis, efetuados no solo.

Nunes Filho (2004, p. 13) menciona que:

A partir de pesquisas arqueológicas e etno-históricas constatou-se que o Estado do Amapá possui em sua dimensão geográfica um grande patrimônio arqueológico, e

porque não dizer que o Estado do Amapá todo caracteriza-se como um grande sítio arqueológico.

Contudo, no Estado do Amapá, na maioria das vezes os sítios arqueológicos são encontrados por acaso. Seja de ordem natural a partir de alterações que ocorrem no solo, ou humana como a abertura de estradas, fossas sépticas, roças, obras de construção civil, etc.

Porém, observa-se quando tais Sítios Arqueológicos são encontrados não há uma preocupação quanto a sua preservação e isso acontece por falta de conhecimento, não é realizado pelo setor competente um trabalho de conscientização para com este patrimônio material.

A preservação é importante porque um sítio arqueológico é um local no qual os homens que viveram antes do início de nossa civilização deixaram algum vestígio de suas atividades: uma ferramenta de pedra lascada, uma fogueira na qual assaram sua comida, uma pintura, uma sepultura, a simples marca de seus passos. (FUNARI, 2003, p.56).

Essas áreas precisam ser corretamente apontadas e preservadas para que nenhum patrimônio de informações históricas seja extraviado. Daí a importância de se trabalhar a arqueologia desde cedo com as crianças. Ao fazer hoje um trabalho de conscientização com este público, construindo esta relação afetiva na infância, com certeza contribuiremos para a formação de um público adulto comprometido com as questões patrimoniais.

Há hoje no cenário educacional poucas literaturas que abordam a questão da arqueologia específica para as crianças. Desse modo, vale destacar as seguintes obras: Arqueologia: uma atividade muito divertida, elaborada pelo Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte, Campinas-SP (LAPPD, 2014) e Salvamento Arqueológico na Foz do Rio Amazonas (LOPES, 2009). Estas obras fazem uma abordagem sobre a arqueologia utilizando uma metodologia adequada para o público infantil numa linguagem simples e de fácil entendimento, sem deixar de ter seu caráter científico.

As crianças que já dominam a leitura convencional e que tenham acesso à tais literaturas, com certeza, vão se deleitar e compreender um pouco mais sobre a arqueologia de uma forma fascinante. As ilustrações “ricas” em detalhes, sugestões de atividades práticas é um convite para as crianças quererem saber mais sobre passado e refletir sobre o presente.

É o que afirma o arqueólogo do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA) Lúcio Nunes Leite em uma entrevista realizada em 13/07/2017 por uma das autoras deste trabalho. Quando lhe foi perguntado se era possível trabalhar Arqueologia com crianças da pré-escola, o arqueólogo respondeu da seguinte forma:

Dar para trabalhar sim arqueologia com crianças, oferecer atividades práticas, tipo: oficina de cerâmica, escavação simulada e desenhos rupestres, onde a criança pode fazer um painel integrado, atividade em grupo, deve-se trabalhar com atividades lúdicas. Não dar para aprofundar em conteúdos. (LEITE, 2017)

O importante é levar em consideração a proposta didática para este público tão especial, valorizando e promovendo aprendizagens histórico-culturais a partir de vivências “fazer arqueológico”. É esse descobrir que levará às breves jornadas, bem como à reflexão sobre o passado e o presente, não tem como a criança entender um pouco sobre arqueologia sem fazer esse paralelo. Sendo que, é por meio da suscitação de pertencimento que atingiremos a valorização e preservação dos nossos bens patrimoniais (FUNARI; CARVALHO, 2011; CERQUEIRA, 2008).

Todavia, a problemática da preservação patrimonial extrapola a questão da memória sócia histórica dos diferentes grupos formadores de uma dada sociedade, permitindo uma reflexão aprofundada sobre as diversas categorias de patrimônio, bem como as responsabilidades individuais e coletivas que todos devem ter sobre esses bens.

2. O LÚDICO COMO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM

Sabe-se que o lúdico pode ser um espaço privilegiado de interação e confronto entre as crianças. Tanto em casa como na escola, o lúdico pode constituir-se em atividades em que as crianças, sozinhas ou em grupo, procuram compreender o mundo e as ações humanas nas quais se inserem cotidianamente.

O brincar de faz de conta permite à criança a construção do mundo real, pois brincando ela trabalha com situações que vive no social, podendo assim, compreendê-las melhor. De acordo com Freud *apud* Kishimoto (2011, p.57), “Cada criança em suas brincadeiras comporta-se como um poeta, enquanto cria seu próprio mundo ou, dizendo melhor, enquanto transpõe elementos formadores de seu mundo para uma nova ordem, mais agradável e conveniente para ela”.

Sendo assim, é preciso que as metodologias utilizadas para as crianças busquem sempre envolver a todos. Pois, cada peculiaridade deve ser observada para que, se necessário, novas medidas sejam adotadas com o intuito de atender as individualidades, caso contrário o processo de ensino e aprendizagem estará comprometido.

Murcia (2009) ressalta que as atividades lúdicas podem ser bastante úteis em diversas situações pedagógicas, devido ao seu caráter motivacional. O autor também afirma

que imbuídos de ludicidade conteúdos de português, matemática dentre outras disciplinas podem ser mais bem dirigidos. Portanto, de acordo com o mesmo, é possível brincar de pular corda e aprender ciências, desde que a aprendizagem de ciências não seja o único objetivo, mas que as coordenações de tempo e espaço, as relações sociais, a diversão, a alegria, dentre outras coisas, tenham igual grau de importância.

Ao discutir aspectos inerentes ao uso dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento da aprendizagem da criança, Pimentel (2010, p.98) afirma que em todo o processo de aprendizagem é importante observar como as pessoas aprendem. Neste sentido, segundo o autor:

Cada indivíduo aprende do seu modo pessoal e único, havendo maior probabilidade de captar o conhecimento com o método mais adequado àquele estilo de apreensão da realidade. As pessoas podem apresentar facilidade no aprendizado experimentando, ouvindo ou visualizando.

Embora as atividades lúdicas sejam planejadas para atender o coletivo não se pode perder o foco do processo ensino aprendizagem. Tudo isso, só poderá ser realizado se os que estão envolvidos neste processo, seja ele professor, coordenador pedagógico, gestor educacional e monitor, tiver conhecimento da importância que o jogo, as brincadeiras e todas as demais atividades lúdicas proporcionam à criança no processo de ensino e aprendizagem. Tendo conhecimento dessa importância certamente os resultados serão positivos. Conforme é argumentado por Friedmann (2006, p.47), “o professor é mais do que um orientador, ele deve ser um desafiador, colocando dificuldades progressivas na atividade como forma de avançar nos seus propósitos de promover o desenvolvimento ou de fixar a aprendizagem”.

Levando em consideração que a criança é um ser ativo, o seu desenvolvimento natural: crescimento, maturação, desenvolvimento orgânico e o cultural, se entrelaçam e se unem um ao outro em processo único de formação da personalidade humana; assim, é perceptível que o comportamento humano não se origina de forma hereditária, mas de uma construção sistemática e permanente. Desta forma, o lúdico faz parte da formação do desenvolvimento cultural, bem como desempenha grande influência no comportamento humano ao longo dos tempos.

Wajskop (2012, p. 25) afirma que:

A criança desenvolve-se pela experiência social, nas interações que estabelece, desde cedo, com a experiência sócio-histórica dos adultos e do mundo por eles criado. Dessa forma a brincadeira é uma atividade humana na qual as crianças são introduzidas constituindo-se em um modo de assimilar e recriar a experiência sócio-cultural dos adultos.

Por isso, muitos pesquisadores defendem o uso de atividades lúdicas nos ambientes de aprendizagens, dentre os autores temos Kishimoto (2011). Segundo a autora, tais atividades auxiliam no desenvolvimento integral e harmônico, ou seja, parte física, moral e intelectual das crianças. Além disso, a aprendizagem passará a fazer mais sentido a ela, que procurará as brincadeiras e jogos como uma necessidade e não como uma simples distração.

A importância do lúdico no processo de ensino e aprendizagem também é referendada por Santos (2008) quando ressalta que a ludicidade é um recurso metodológico capaz de proporcionar uma aprendizagem espontânea e natural. Estimula à crítica, a criatividade, a socialização, sendo, portanto, reconhecido como uma das atividades mais significativa “senão a mais significativa” pelo seu cunho pedagógico social.

Logo, se as atividades lúdicas promovem tantos benefícios à criança no processo de ensino e aprendizagem, é necessário que elas sejam incentivadas para que possam ser usadas com mais frequência nos ambientes de aprendizagem. Estas atividades podem ser desenvolvidas através de jogos, brincadeiras, cantigas de rodas, contação de histórias e muitas outras atividades que causam prazer e diversão à criança.

Tal necessidade advém do fato exposto por Friedmann (2006, p.123) quando argumenta que:

Em nossa sociedade, há uma cultura de muitos brinquedos e de poucas brincadeiras, muita tecnologia e pouco artesanato, muita impessoalidade e pouco respeito à individualidade, muita solidão e pouca troca entre as pessoas; uma cultura mais competitiva do que cooperativa; uma cultura lúdica violenta, impassível, indiferente ao outro, medrosa; uma cultura em crise, que não mais se adapta as atuais gerações, que possui inúmeras dúvidas a respeito de como restituir ou recriar um brincar saudável.

Infelizmente, a realidade retratada por Friedmann (2006) é a que faz parte do cotidiano de muitas pessoas na atualidade, por viverem na constante correria do dia a dia, acabam esquecendo-se de deixar um tempo livre para dar atenção às pessoas ao seu redor, esquecem os momentos lúdicos de diversão em família. Por isso, no sentido de combater a individualidade tão presente e os demais “perigos” impostos pela sociedade, tanto a escola como os ambientes de aprendizagem tornam-se “peças” chave neste processo, tendo em vista que neles o educando recebe elementos em sua formação para refletir e, conseqüentemente, mudar a sua realidade numa perspectiva positiva.

3. O CONTEXTO DO PROJETO E DO TRABALHO DIDÁTICO REALIZADO

3.1 Caracterização Metodológica da Pesquisa

Quanto à espécie, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa-ação, que consiste numa metodologia muito utilizada em projetos de pesquisa educacional. Segundo Thiollent (2002) *apud* Morim, (2006, p.24), “com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico”, o que promoveria condições para ações e transformações de situações dentro da própria escola.

Outros autores, Kemmis e Mc Taggart (1988) *apud* Thiollent (2001, p.54), ampliam esta forma de entendimento do conceito de pesquisa-ação com as seguintes palavras:

Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa [...]

Trata-se também, de uma pesquisa de cunho bibliográfico, porque reunirá informações sobre o tema pesquisado dando suporte científico à mesma. Conforme Gil (2008, p. 52), “é o meio por excelência de conhecer os estudos e pesquisas mais recentes sobre determinado assunto”. Isso significa que a revisão da literatura constitui o procedimento inicial para se determinar o material teórico a respeito do assunto.

A investigação possui amplo fundamento na abordagem qualitativa, especialmente porque o interesse maior durante a realização do trabalho centra-se em extrair informações subjetivas e objetivas daqueles que estão envolvidos diretamente com o tema. Além disso, a pesquisa com abordagem qualitativa proporciona o conhecimento relacionado à realidade cotidiana dos sujeitos envolvidos. Contribuindo para solução dos problemas encontrados, bem como a confirmação da pesquisa-ação, pois as pesquisadoras participarão do processo convivendo com os sujeitos no local da pesquisa.

Desta forma, dentro do universo das escolas que ofertam Educação Infantil, optou-se em investigar a Escola Municipal de Educação Infantil Ana Luiza Souza de Moraes, localizada na zona urbana do município de Macapá, Estado do Amapá. A escola foi construída no ano de 1981, e atende alunos dos 1º e 2º períodos.

O instrumento para coleta de dados foi o Diário de Campo compreendido como:

[...] forma de documentação profissional articulada ao aprofundamento teórico, o diário de campo, quando utilizado em um processo constante, pode contribuir para evidenciar as categorias emergentes do trabalho profissional, permitindo a realização de análises mais aprofundadas (LIMA; MIOTO; DAL PRÁ, 2007, p.97).

Logo, o Diário de Campo é um instrumento que colabora para a prática reflexiva do profissional na medida em que promove o pensar crítico sobre o cotidiano de uma prática a

partir dos processos de observação, descrição e análise do que foi vivenciado em determinado contexto (LIMA; MIOTO; DAL PRÁ, 2007). Fizeram parte da pesquisa 425 (quatrocentos e vinte e cinco) alunos dos turnos manhã e tarde, do 1º e 2º períodos e 20 (vinte) professoras.

3.2 Análise e Resultados da Pesquisa

O projeto “Escavando Conhecimento: arqueologia em foco” foi executado pelas professoras Técnicas em Patrimônio Cultural do MAE-AP junto a EMEI Ana Luiza Santos de Moraes. E justifica-se por ser um projeto de pesquisa-ação no qual as pesquisadoras envolvem-se diretamente nas ações. Vale ressaltar, as referidas professoras já atuaram na Pré-Escola por mais de 10 (dez) anos, tendo uma vasta experiência neste seguimento de ensino. E desta forma o MAE-AP estar valorizando e promovendo aprendizagens histórico-culturais a partir de vivências do “fazer arqueológico” com crianças e professoras da pré-escola. Já o levantamento teórico iniciou-se com leituras especializadas nas áreas de concentração relacionadas ao tema.

Qualquer atividade que envolve crianças deve seguir certos pressupostos, e, neste caso, não foi diferente. Realizou-se uma sistematização didática envolvendo a metodologia de trabalho que constituiu em 7 (sete) etapas a saber:

Vale destacar, todas as etapas aqui apresentadas foram rigorosamente seguidas. A 1ª etapa diz respeito à reunião com o Corpo Técnico e Direção da Escola para apresentação do Projeto em tela. Foi de suma importância porque a aceitação do Projeto pela Escola perpassa pelo interesse da Gestão. Tal reunião ocorreu no dia 18/ 05 /2016.

Neste sentido,

[...] uma boa gestão educacional requer a formação de parceria entre escola e comunidade para que aquela seja de fato inclusiva e democrática. Partindo desse pressuposto, a figura do gestor deve ser pautada na construção de relacionamentos em que ações do tipo: ouvir pessoas, aceitar sugestões, articular com a equipe as decisões e saber “lidar” com pessoas diversas e adversas ganhem um dinamismo de seriedade, assiduidade e compromisso. (LÜCK, 2016, p. 31).

A equipe pedagógica e administrativa da escola demonstrou interesse pelo Projeto e colocaram-se à disposição. As parcerias em prol da educação constituem-se num grande desafio para os gestores escolares e exigem deles novas atenções, conhecimentos e habilidades, a fim de que garantam formação competente de seus alunos. (LÜCK, 2016).

A 2ª etapa teve o envolvimento direto das professoras no Projeto, bem como nas etapas seguintes. Pois, como trabalhar Educação Patrimonial com as crianças sem antes

discutir esses conhecimentos com as professoras. Portanto, nesta etapa teve como atividade uma Palestra sobre Educação Patrimonial abordando a Arqueologia no Estado do Amapá, evidenciando os Sítios Arqueológicos, teve também exposição de réplicas de peças arqueológicas e cestarias indígenas. Na figura 1 observa-se a participação das professoras na referida palestra, a qual ocorreu no dia 18 /06/2016.



Figura 1. Professores em momentos da palestra. Fonte: MAE-AP

As professoras a todo momento questionavam: Como é colocado os ossos dentro da urna? Como é para gente saber se os ossos são de homem ou mulher? E os técnicos do MAE-AP sanavam as dúvidas pertinentes. O propósito desta etapa constituiu-se como um momento sistematizado intencionalmente para promover não apenas “apropriação cultural” (NUNES FILHO, 2004) como também dos “conhecimentos eruditos e científicos históricos e socialmente produzidos pela coletividade humana” (FUNARI, 2003).

Vale ressaltar, de acordo com o Diário de Campo datado do dia 18/06/2016, nesta etapa a equipe de apoio formada por merendeiras e serventes não foram convidadas para participar. Desse modo, observou-se que não apenas nesta, mas em todas as etapas esses profissionais ficaram à margem.

A 3ª etapa ocorreu no dia 25/06/2016, também foi exclusiva para as professoras, teve como atividade Oficina Pedagógica. Todas se envolveram com muito empenho e dedicação, confeccionaram os seguintes jogos didáticos: boliche, silhuetas, jogo da memória, dominó e quebra-cabeça, que podem ser adaptados conforme a idade da criança (figura 2). Todos os jogos são de cunho arqueológico e posteriormente as professoras poderão utilizá-los para dar continuidade ao processo de ensino aprendizagem com as crianças, atuando como multiplicadoras e contribuindo para o reconhecimento e valorização da cultura amapaense.



Figura 2. Professoras na Oficina Pedagógica. Fonte: MAE-AP

Friedmann (2006, p. 44) afirma que, “a educação lúdica é uma ação inerente na criança e aparece sempre como uma forma transacional em direção a algum conhecimento [...]”. Portanto, é de primordial importância a utilização dos jogos e brincadeiras no processo pedagógico, pois os conceitos de cultura, sítios arqueológicos, bens materiais e imateriais podem ser ensinados por meio das atividades lúdicas.

Além da confecção dos jogos pedagógicos, disponibilizamos em um arquivo digital, sugestões de jogos, filmes infantis relacionados à arqueologia, literaturas para fundamentação teórica. Duas professoras avaliaram a oficina como positiva, agradeceram muito, afirmaram não possuir esse tipo de material, principalmente relacionado ao Estado do Amapá. E que esses conhecimentos estariam no planejamento de suas aulas durante ano letivo. (DIÁRIO DE CAMPO, 25/06/2016).

Diante do exposto, é ideal então que as professoras tenham conhecimento de práticas e estratégias para a salvaguarda dos patrimônios culturais, e, a partir desse conhecimento, possa fazer a escolha das atividades lúdicas que mais se adaptem aos objetivos desejados no processo ensino-aprendizagem. Nesse contexto, o profissional de educação, precisa resgatar o prestígio social indispensável para tornar-se o real agente de transformação que a sociedade precisa.

Já a 4ª etapa foi um momento social e teve como atividade proposta para as crianças a contação de história através de um teatro de fantoche. Esta atividade ocorreu na área externa da escola no 09/09/2016, envolveu todas as crianças nos 2 (dois) turnos, manhã e tarde, o tema da história foi: Preservação dos Sítios Arqueológicos.

A área externa era o único espaço físico que a escola possui para comportar todas as crianças juntas sentadas ao chão em tapetes. Porém, não tem cobertura, e as crianças do turno da tarde foram prejudicadas, porque o chão estava um pouco quente. Mas, como o teatro foi muito atraente, não se tornou empecilho. (DIÁRIO DE CAMPO, 09/09/2016).

O teatro com fantoche trata-se de uma maneira dinâmica, alegre e envolvente de se contar uma história e por utilizar-se de recursos visuais, neste caso: réplicas de urnas zoomorfas e antropomorfas¹, vários bonecos de pano e algumas ferramentas do arqueólogo (pá, pincel, prancheta). Permitiu-nos sistematizar situações que propiciou o desenvolvimento da noção de tempo (passado, presente e futuro) conceitos abstratos de difícil compreensão para as crianças. Mas, é muito utilizado quando se quer resgatar o passado projetando o futuro.

Observou-se que as crianças ficaram entusiasmadas, interagiram com os personagens, quando faziam perguntas para as mesmas, em nenhum momento ficaram com medo das réplicas de urnas zoomorfas e antropomorfas.

Segundo Bettelheim (2007, p.13):

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretela e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar clara suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

Logo, através das histórias as crianças enfrentarão seus medos, ganhando confiança em si mesma. Portanto, Bettelheim (2007, p.13) salienta que “nada é tão enriquecedor e satisfatório para a criança, como para o adulto, do que o conto de fadas folclórico”. Pois, por meio do conto de fada folclórico a criança aprende enfrentar as condições que lhe são próprias, visto que está exposta na sociedade e precisa se entender nesse mundo.

Os significados simbólicos incutidos na história contribuíram para seu crescimento psíquico, despertou a imaginação, a descoberta de valores e com certeza o aprendizado para a vida real. E o envolvimento das crianças foi bem visível no decorrer desta atividade (figura 3).

Esta atividade procurou envolver todas as professoras e as crianças, tanto do 1º como do 2º período, juntos interagindo e socializando conhecimento acerca dos Sítios Arqueológicos e a sua preservação, era o que versava a história. Portanto, a história foi criada pelas professoras técnicas do MAE-AP para atender esta especificidade, pois somente quando se sente parte integrante de uma cidade ou de uma comunidade é que o cidadão dá valor às

1. Existem dois tipos de urnas: as antropomorfas, que representa uma figura humana sentada em um banco, e as zoomorfas, que representam um animal quadrúpede em pé.

suas referências. Vale ressaltar, esta atividade serviu como preparação para as duas etapas seguintes, (5ª e 6ª).



Figura 3. Apresentação do Teatro de Fantoches. Fonte: MAE-AP

As etapas 5ª e 6ª foram exclusivas para as crianças diretamente nas salas de aula, junto a suas respectivas professoras. As Atividades correram nos meses de setembro e outubro, em todas as 20 (vinte) turmas, totalizando 425 (quatrocentos e vinte e cinco) crianças. Em cada turma são matriculados 25 (vinte e cinco). Entretanto, nem todas as crianças participaram algumas, por diversos motivos, faltaram no dia das atividades.

Nessas etapas foram planejadas várias atividades, dentre elas a apresentação de slide com exploração de imagens de escavações realizadas por arqueólogos. Nesse momento, foi explicado a respeito dos profissionais que procuram vestígios das antigas sociedades. Foi discutido também, em uma linguagem bem simples, sobre como os arqueólogos podem saber o que ocorreu a partir da análise de uma peça encontrada. Assim, perguntando-se: Quais peças eles podem encontrar e que interpretações fazem? Salientou-se a importância da preservação dos Sítios Arqueológicos e quais os critérios empregados pelos arqueólogos na coleta de artefatos arqueológicos.

André Proust (1992) *apud* Nunes Filho (2004, p.12) comenta que:

[...] o pré-historiador ou arqueólogo procura estudar as sociedades do passado mais remoto da humanidade, nos seus aspectos mais diversos: físico, demográfico, patológico, tecnológico, dieta alimentar, padrão de ocupação de território e até rituais. Como não dispõe de textos escritos, utiliza exclusivamente vestígios materiais deixados por nossos antepassados.

Visando massificar a importância da preservação dos Sítios Arqueológicos para a humanidade, foi recomendado junto às crianças como proceder quando encontrassem algum vestígio ou soubessem de algum achado arqueológico, destacando a importância do Arqueólogo neste trabalho.

Observou-se que todos ficaram atentos para a apresentação do slide, interagiram de forma positiva, principalmente quando foram apresentadas as réplicas das urnas antropomorfas e zoomorfas, explicando o que são, para que servia, onde são encontradas e por que devem ser preservadas por todos nós. Sempre era feito um paralelo com a história que foi contada no teatro de fantoche.

O que nos chamou atenção foram as perguntas bem elaboradas, que algumas crianças fizeram, acreditamos que o teatro contribuiu muito nesta questão, haja vista que, agora eles já tinha um referencial. Como neste momento havia poucas crianças, foi possível explorar bem as peças arqueológicas. (DIÁRIO DE CAMPO, 13/09/16).

Diante do exposto, acredita-se que professores e educadores podem educar a sensibilidade, fazendo com que ela chegue a um grau elevado. Desta forma, as atividades que envolvam a ludicidade incentivam a vivência de novas e estimulam experiências, colocando em “jogo” valores que devem ser levados pela vida toda, (WAJSKOP, 2012).

Ainda fazendo parte dessas etapas foi desenvolvida com as crianças a tão esperada escavação simulada. Logo, foi realizado um cronograma para atender todas as turmas, houve a participação de todas as crianças nesta atividade, a turma de 25 (vinte e cinco) alunos foi dividida em 05 (cinco) grupos com 05 (cinco) alunos por vez.

Em uma caixa grande com serragem foi enterrado algumas minipeças de vasos, confeccionados de argila pelas técnicas do MAE-AP, bem como alguns pedaços de vasos de cerâmica quebrados (fragmentos), 02 (dois) alunos simulavam a escavação com pás e luvas, em quadrículas feitas de fio na extremidade da caixa, 02 (dois) alunos recolhiam as peças, limpando-as com pincéis e colocando-as em uma bandeja plástica, e 01 (um) aluno registrava em uma folha de papel exposta em uma prancheta tudo que encontravam – escrevia do seu jeito, às vezes desenhava (figura 4).

Assim que encontravam cada vestígio, eles tomavam nota da profundidade, características desse vestígio, se havia associações com outras peças, etc. A cada período os membros das equipes, no caso 05 (cinco) criança por vez, se revezavam nas atividades, de forma que todos integrantes realizassem as atividades propostas.



Figura 4. Alunos na Escavação Simulada. Fonte: MAE-AP

Logo, por meio das atividades didáticas propostas, teatrinho e escavação simulada as crianças tiveram oportunidade de vivenciar, e estabelecer o contato entre o espaço patrimonial, de forma sensível, interativa e lúdica.

Sem dúvida, as atividades lúdicas nas praticas educativas não devem ser aplicadas sem nenhuma intenção educativa. Elas ao serem aplicadas devem mostrar explicitamente a intenção de provocar aprendizagem significativa na criança, despertando-a para a reconstrução ou construção de novos conhecimentos. (MALUF, p. 42, 2013).

Pode-se afirmar que as ações educativas propostas foram bem sucedidas e ao mesmo tempo significativas, as crianças mostraram-se motivadas relacionando o que estavam aprendendo com que já sabiam, e isso foi muito interessante. Quanto mais os temas sobre arqueologia, sítios arqueológicos, cultura, bens materiais e imateriais forem atrativos e puderem ser concretamente usados pela criança, mais significativos estes conhecimentos se tornarão para ela.

A 7ª e última etapa foi, sem dúvida, edificante, na qual foi possível estruturar os conhecimentos com as crianças, outrora oportunizados, possibilitando o aumento da autoestima, o conhecimento de suas responsabilidades e valores, troca de informações e experiências culturais por meio das atividades socializadas. Santos (2011) *apud* Maluf (2013, p. 48) destaca, “a educação pela via da ludicidade propõe uma nova postura existencial, cujo paradigma é um novo sistema de aprender brincando inspirado numa concepção de educação para além da instrução”.

Portanto, em cada turma, no final das atividades os alunos de uma forma bem descontraída expuseram através de um desenho o que mais gostaram com relação às atividades que foram oportunizadas (figura 5). Finalizaram comentando o que desenharam, sem o compromisso de estarem atrelados ao erro ou acerto. Quando a criança comete um erro

fica evidente que ela necessita de uma explicação, que deve chegar ao seu entendimento e o educador tem de ter segurança daquilo que transmite. (KISHIMOTO, 2011).



Figura 5. Desenhos de crianças do 1º e 2º períodos. Fonte: MAE-AP.

Tudo que foi realizado pelas crianças foi válido e envolvente, são sinceras em suas colocações. Foram unânimes em afirmar que gostaram de todas as atividades, principalmente da escavação simulada, e que aprenderam muito sobre os Sítios Arqueológicos.

As professoras também fizeram uma avaliação positiva de todas as atividades que foram planejadas e executadas. Além disso, assumiram o compromisso em dar continuidade à proposta ora apresenta, e que deu certo. Ressaltaram também o papel que elas devem desempenhar junto às crianças em prol da proteção dos Sítios Arqueológicos amapaense. Abaixo o relato de uma professora do 1º período.

[...] nunca tinha imaginado um dia trabalhar com meus alunos arqueologia, acreditava ser muito difícil até porque eu não tinha essa direção, que foi proporcionada (DIÁRIO DE CAMPO, 14/10/2016).

Assim, constata-se, a construção do conhecimento, através da reflexão, análise e problematização do fazer pedagógico. Realmente a professora tem razão, abordar arqueologia na pré-escola não é tarefa fácil, porém, não é impossível. Pois, planejando atividades que conduzam sua atenção curiosa, fazendo sentido para ela, tornam-se significativas. As crianças pequenas pensam e espelham teorias sobre os acontecimentos que as cercam, realidade e a

fantasia se misturam nesse processo. Assim, tanto a escola como o professor criarão as melhores condições para que a criança possa aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da proposta desenvolvida acerca da Educação Patrimonial foi possível constatar, através do projeto “Escavando Conhecimentos: arqueologia em foco”, que é viável o ensino da Arqueologia, mais especificamente dos Sítios Arqueológicos na Pré-escola. Sendo imprescindível o desenvolvimento de atividades práticas e lúdicas, desde que para isso se faça uso de “recursos didáticos” que correspondam ao nível de ensino, particularidades coletivas da turma com quem se pretende trabalhar, fundamentação teórica e, principalmente, domínio dos instrumentos pedagógicos para adaptá-los melhor às exigências das novas situações educativas.

Neste contexto, os momentos foram sistematizados intencionalmente com o objetivo de informar acerca dos patrimônios arqueológicos do Amapá, em especial os Sítios Arqueológicos, como também da necessidade da preservação dos mesmos como herança de uma nação, “a partir da Oficina Pedagógica, Teatro de Fantoche, Escavação Simulada com vistas a promover informações sobre o que é patrimônio, em um processo de definição de Bem Cultural” junto às professoras e alunos da Pré-escola.

Desta feita, certificou-se que tanto as professoras como os alunos reconhecem a importância da preservação dos Sítios Arqueológicos, sendo que eles fazem parte desse contexto “espírito de pertencimento”.

Não se pretende aqui atribuir às professoras e aos alunos o conhecimento enciclopédico sobre quais são seus patrimônios, datas de fundação, autores, características físicas, entre outros dados. Ao contrário, a Educação Patrimonial deve atuar no sentido de democraticamente construir diálogos entre a comunidade escolar e seus patrimônios.

Acredita-se ser possível sim, o ensino de Arqueologia na Pré-escola, assim como ocorre com outras áreas do conhecimento humano. A partir das indagações suscitadas, a posteriori ao projeto realizado, foi possível a reflexão sobre a necessidade de uma prática educativa que ainda não é adotada na Pré-escola. Mas pode e deve ser praticada, sendo ela inovadora abrindo à possibilidade de exercitar as memórias, questionando, propondo hipóteses, investigando, enfim, estabelecendo os primeiros laços com a Arqueologia.

REFERÊNCIAS

- AMAPÁ. Serviço de Apoio as Micros e Pequenas Empresas do Amapá. **O Legado das civilizações Maracá e Cunani: o Amapá revelando sua identidade.** Macapá: SEBRAE, 2006.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** 22^a ed. Paz e terra, 2007.
- CERQUEIRA, F. V. Educação Patrimonial na escola: por que e como? In: CERQUEIRA, F.V. *et al.* (orgs.) **Educação Patrimonial: perspectivas multidisciplinares.** Diamantina-MG: Ufpel, Instituto de Ciências Humanas. 2008.
- DIÁRIO DE CAMPO. **Proposta Pedagógica.** Macapá: Escola de Educação Infantil Ana Luiza Souza de Moraes, 2017.
- FRIEDMANN, Adriana. **O desenvolvimento da criança através do brincar.** São Paulo: Moderna, 2006.
- FUNARI, P. P.; CARVALHO A. **Patrimônio cultural, diversidade e comunidades.** Campinas-SP: Ifch/Unicamp, 2011.
- FUNARI, P. P. A. **Arqueologia.** São Paulo: Ed. Contexto, 2003.
- GONÇALVES. J. R. S. **Ressonância, materialidade e subjetividade:** as culturas como patrimônio. Revista Horizontes Antropológico. Porto Alegre, n.23, p. 15-36, jan/jun 2005.
- GIL, Antônio. C. **Metodologia do Ensino Superior.** São Paulo: Cortez, 2008.
- KISHIMOTO, T.M. (Org.). **Jogos infantis: O jogo, a criança e a educação.** Petrópolis. Vozes 2011.
- LAPPD. Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte. **Arqueologia: uma atividade muito divertida.** Campinas-SP: UEC/2014.
- LEITE, Lúcio Nunes. **Geoarqueologia: contribuições e perspectivas para a Amazônia (Palestra).** IEAP: Macapá, 2017.
- LIMA, Telma. C. Sasso. MIOTO, Regina C. Tamaso. DAL PRÁ, Keli Regina. **A Documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais:** algumas considerações acerca do diário de campo. Revista Textos & Contexto. Porto Alegre, v.6, n.1 p. 93-104. Jan./jun.2007.
- LOPES, Paulo Roberto do Canto. **Salvamento Arqueológico na Foz do Rio Amazonas.** Belém-PA. MPEG. 2009. Serie Infantil do Museu Goeldi; Para Você Colorir, v.14.
- LUCK, Heloisa. **Liderança em Gestão Escolar.** Petrópolis: Vozes, 2016.
- MALUF, Ângela C. Munhoz. **Atividades Lúdicas para Educação Infantil.** 2^a ed. Petrópolis: Vozes, 2013

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. 6ª Ed.. São Paulo, SP: Atlas, 2007.

MORIM, André. **Pesquisa-ação integral e sistêmica: uma antropopedagogia renovada**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MURCIA, Juan Antônio Moreno (Org.). **Aprendizagem através do jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

NUNES FILHO, Edinaldo Pinheiro. **Pesquisas Arqueológicas no Amapá**. Amapá: Ed. G. Brasil, 2004.

PIMENTEL, L. G. **Proposta Curricular - Arte**. Ensino Fundamental e Ensino Médio. 2006.

SANTOS, Santa Marli pires dos (org.), **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na educação infantil**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.